



RAÇA E GÊNERO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS DA EJA: INTERCRUZAMENTOS COM A OBRA OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Juliana Araújo ¹

¹ Mestra em Educação de Jovens e Adultos, (UNEB). Professora da Educação Básica do Estado da Bahia / Gestora Local do Programa Brasil Alfabetizado (Santo Estevão – BA). E-mail: julianahistoriaedite@gmail.com

**EIXO TEMÁTICO 1: SUJEITOS DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES
ETNICO RACIAIS**

RESUMO

Este trabalho explora as intersecções entre raça e gênero nas trajetórias de vida de mulheres negras na Educação de Jovens e Adultos (EJA), conectando suas experiências à obra literária **Olhos d'água**, de Conceição Evaristo. O estudo busca compreender como as narrativas de Evaristo dialogam com as vivências dessas mulheres, destacando temas como identidade, resistência e empoderamento. O livro **Olhos d'água**, as mulheres negras da EJA e suas histórias de vida, foco central da pesquisa, especialmente os contos **Olhos d'água** e **Maria**, são analisados sob a perspectiva da memória e da mulher negra, revelando a desigualdade social e cultural em que a pobreza se configura como um problema gerador de diversas reflexões sociais. A metodologia adotada foi qualitativa, baseada em estudos biográficos e entrevistas realizadas com alunas da EJA Etapa VI Noturno, do Colégio Estadual em Tempo Integral Professora Edite Ferreira Fonseca, localizado na Praça Humberto Alves Nogueira, s/n, no município de Santo Estevão, Bahia. A partir da análise das entrevistas, foram elaboradas sequências didáticas (SD) que auxiliam os professores a integrar a Literatura de Autoria Feminina Negra em suas aulas, valorizando as trajetórias das educandas da EJA Etapa VI do ensino médio.

Recorrer à abordagem metodológica da observação participante articulada com a montagem de uma escrivência implica a reunião de elementos para uma “escrita de nós”, isto é, uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças e da experiência de vida de cada um e do seu povo. Nesse sentido, a escrita de nós é uma poderosa ferramenta na luta contra o racismo e o machismo responsáveis pelo silenciamento e pela subalternidade que se encontram na base da sociedade e, consequentemente, da Literatura brasileira.

Assim, consideramos urgente desafiar as formas mais convencionais de pesquisa, formação e ensino, especialmente porque decolonizar essas três dimensões ainda é uma tarefa por fazer. Nesse sentido, a Literatura Decolonial é um movimento que tem como objetivo articular a retirada do estigma ocidental – principal marco do imperialismo – da cultura da América Latina. O conceito é descrito no trabalho do pesquisador sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), que é um dos grandes marcos da teoria ao desenvolver o conceito de “colonialidade do poder”. Assim, pode-se dizer que a Literatura Decolonial é poética, ética, estética e política, sendo dotada de uma potência capaz de influenciar docentes em seus trabalhos como artesões de conhecimentos e de práticas pedagógicas outras.

Consequentemente, a formação de estudantes coparticipes de outros modos de ser e estar em sociedade “é um imperativo, visto que, além de saber o que é certo e justo, é preciso agir na realidade de forma dialética com o objetivo de superar as diversas formas de



opressão causadas pelo colonialismo e pela colonialidade, tais como o racismo, o patriarcado, o fundamentalismo religioso, o imperialismo, a dominação econômica, o silenciamento e a subalternidade.

Considerando tal pressuposto, este trabalho integra a pesquisa “Educação Literária como exercício de cidadania nos processos de ensino-aprendizagem e professores e estudantes da Educação Básica”.

Assim, este artigo registra os resultados da investigação acerca da trajetória das mulheres negras na EJA (Educação de Jovens e Adultos) a partir de suas histórias de vida, que são o objeto principal deste trabalho.

A questão da subalternidade da mulher negra é investigada no intuito de revelar a situação de desigualdade social e cultural à qual essas mulheres são submetidas considerando o silenciamento se configura como uma problemática para diversas reflexões sociais. O trabalho se justifica pela necessidade de trazer ao debate as relações existentes nos espaços educativos, principalmente na EJA, modalidade educacional que recebe pessoas que, em sua maioria, vivem à margem dos direitos sociais e, por isso, estão na condição de silenciadas pelo sistema educacional brasileiro a serviço da classe dominante.

As análises feitas neste estudo mostram as estreitas relações entre exclusão social e o silenciamento. As mulheres negras e pobres passam, muitas vezes, em toda a sua trajetória de vida, por uma grande discriminação, subalternidade e silenciamento, fatores que contribuem fortemente para o abandono escolar. No decorrer da escrita, questões de gênero, raça, etnia e escolarização são abordadas tendo em vista a experiência das alunas. Para isso, os marcadores de gênero e raça são teoricamente debatidos.

A pesquisa social é um método usado por pesquisadores sociais para entender o comportamento das pessoas e sociedades. Considerando que diferentes grupos socioeconômicos pertencem a diferentes partes de um lugar e pensam de maneiras diferentes, vários aspectos do comportamento humano devem ser abordados para entender os pensamentos e comentários sobre o mundo. Tudo isso pode ser conhecido através da pesquisa social.

A realidade social do Brasil na contemporaneidade é estruturada por várias opressões historicamente construídas, desenvolvidas e cultivadas no país. Dentre elas, as opressões de gênero, raça e classe não raramente nos saltam aos olhos, com notícias e episódios reveladores de violências do cotidiano. Assim, percebe-se que as desigualdades entre grupos sociais em nosso país não são coisa do passado, mas uma consequência dele, ao evidenciar, no presente, as mazelas deixadas pela escravidão e pela lógica patriarcal desde o período colonial.

É pela necessidade do debate e dessa urgência que o presente trabalho discute, a partir de *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo, os modos de existência e as brechas de resistência que se mostram possíveis na vida das personagens protagonistas dos contos: “Olhos d'água” e “Maria” e o intercruzamento com as vivências das mulheres negras, alunas da EJA, do Colégio Estadual em Tempo Integral Professora Edite Ferreira Fonseca, situado no município de Santo Estevão, BA. A escolha desses contos pautou-se na identificação das encenações em que as vozes narrativas das mulheres protagonistas relatam as experiências e os enfrentamentos de diversas formas de violências em contextos de vulnerabilidade.

Desse modo, o objetivo deste estudo é relacionar histórias de mulheres negras da EJA com a de personagens dos contos “Olhos d'água” e “Maria” da obra *Olhos d'água* (2014), da escritora Conceição Evaristo, identificando, nesses discursos de resistência, a luta pela



afirmação e pelo reconhecimento social de problemas como a violência doméstica, além de investigar os aspectos da negritude que delineiam a obra.

O estudo em questão é uma pesquisa aplicada que utiliza o método biográfico, baseado nas histórias de vida das alunas da Educação de Jovens e Adultos.

Para superar o preconceito e o silenciamento imposto a certos grupos sociais, é preciso começar pela sala de aula, a fim de conhecer melhor as relações étnico-raciais neste país.

Em sua Escrivência, Evaristo mostra que a luta nem sempre deve ser travada com a arma e a violência. Por isso, mesmo que seu peito ardesse durante a escrita das duras realidades dos marginalizados, ela se sentia impelida a continuar, pois a escrita é um meio para se fazer ouvida para além das barreiras sociais. Desse modo, sua narrativa contribui bastante para uma reflexão acerca dos problemas debatidos hoje em dia sobre o racismo, a questão de gênero, a desigualdade social, o silenciamento e a subalternidade.

As protagonistas nos contos de *Olhos d'água* evidenciam modos de ser diante das condições de vulnerabilidade e exposição à violência, ao mesmo tempo que tecem caminhos de resistência que nos convocam a ouvir suas vozes e entender seu caminhar. Não restam dúvidas de que o povo negro brasileiro, por toda sua história na condição de escravizado, tem seu cotidiano e sua identidade ainda hoje marcados pela discriminação étnico-racial.

Em nossa sociedade, o direito à memória e o direito à própria história foi negado ao povo negro, uma vez que o processo de subalternização a ele imposto desde sua chegada à América o destituiu de toda sua humanidade. Culturalmente, além das perseguições e punições sofridas em virtude de manifestações religiosas, o negro, na maior parte de nossa história, foi objeto de tematização, mas quase nunca sujeito de sua própria ficcionalização.

O presente estudo se propôs a discutir os contos “Olhos d’água” e “Maria” de autoria de Conceição Evaristo e o seu intercruzamento com as histórias de vida das alunas da EJA. A pesquisa teve o despertar na prática docente em turmas da EJA da etapa VI, e foi ressignificada para poder apoiar professores de História da EJA.

Apresentamos o espaço literário como lugar de (re)existência, a fim de contribuir para se compreender a Literatura como espaço de democratização de vozes silenciadas e busca por legitimidade da existência que impulsiona a resistência. Nesse cenário, trouxemos para o diálogo Conceição Evaristo com sua escrita, no intuito de apresentar a vertente social da arte e sua atuação político-cultural, componentes capazes de inferir a dialética entre o objeto literário, o contexto e a situação de produção, possibilitando a apropriação de um fenômeno alimentado por discursos que se intercruzam com as histórias de vida das alunas da EJA.

Nesse movimento dialético, a Literatura surge como uma das armas que nos permitem ser nós mesmos, já que convoca os outros “eus” para que saltem do nosso interior, especialmente ao legitimar a voz múltipla que coexiste em nós, muitas vezes silenciada e subalternizada pelo sistema de organização social.

Os processos históricos e culturais que habitam as linhas e entrelinhas dos textos de Conceição Evaristo nos possibilitam pensar a vertente social da arte como aquela que demonstra os anseios da escritora em registrar os elementos envolventes da sociedade. Essa escrita é definida por Antônio Candido (2006) como Literatura empenhada, referindo-se à postura que a autora assume dentro do espaço da narrativa ao se deparar com determinado problema sociocultural, histórico e/ou político que, por sua vez, assegura o posicionamento ético, político e humanístico: “São casos em que o escritor



tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica” (Candido, 2006, p.183).

São escritas que (re)significam o discurso ao apresentar um novo relato, centrado na premissa de revelar aquilo que a história oficial silenciou. Transparece, pelo texto literário, produções de caráter político e social, mas que não negligenciam o valor estético do material artístico. Sendo assim, uma Literatura socialmente empenhada deve mostrar a matéria ética e estética da produção literária, pois a escrita engajada pretende atingir o seu leitor a partir do trabalho simbólico com as palavras.

A dialética entre o objeto literário, o contexto e a situação de produção permite ao interlocutor a apropriação de um fenômeno alimentado por discursos que se inter cruzam e se interpenetram: da realidade, da situação humana e dos fenômenos históricos, como apontam as histórias de vida apresentadas, faladas, sentidas e compartilhadas no grupo focal realizado com as alunas da EJA. Nesse espaço de discussão, várias temáticas de vertentes sócio-históricas e culturais foram evidenciadas, denunciando a experiência da mulher negra ao longo da história, o que dialoga com a experiência de vida carregada de sentidos e de historicidade. Tal pesquisa possibilita a incursão por um tempo e por um espaço de resistência aos modos como as mulheres negras sempre foram vistas e tratadas. Nota-se que o dia seguinte ao da abolição da escravidão ainda representa um fantasma na nossa sociedade, haja vista os inúmeros casos de preconceito étnico-racial, silenciamento e subalternidade que constantemente os negros, e especialmente as mulheres negras, vivenciam. Assim, é importante dizer que a escrita das Literaturas de temática e escrita Negra não se restringe à autoria em fenótipos, vez que isso seria reduzir a amplidão crítica que perfaz a Literatura, mas que há uma complexidade de relações existentes nessa produção que a torna legítima e, conseqüentemente, capaz de ressignificar o discurso sobre a contribuição inegável dessa criação estética, não apenas no campo literário, mas, sobretudo, na existência e resistência da mulher negra que ainda permanece invisibilizada pelo atual sistema de organização sócio-histórica e cultural.

Sendo assim, a produção da escritora Conceição Evaristo – uma voz que ecoa no Movimento Negro, denunciando as marcas das injustiças sofridas – demarca o seu lugar na história da Literatura Contemporânea. Trata-se, portanto, de um momento de enorme efervescência em relação à figura da mulher negra e à tomada de consciência de sua condição, aspectos que desenham as características da escrita de Conceição Evaristo, expressas nas palavras da autora quando depõe: “ quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (Evaristo, 2005, p. 18).

Conceição Evaristo destaca a existência de uma voz feminina negra, legitimada na resistência de sua condição de ser mulher e, por conseguinte, negra. Nota-se que a subjetividade é elemento primordial na sua escrita e, além disso, plasman questões de gênero, raça e identidade. Tais posicionamentos da autora ajudam a quebrar os estereótipos da mulher negra apenas como um objeto sexual e escravo ao promover uma escrita que pensa a figura feminina e a questão racial para além das conjecturas expostas em documentos oficiais: “Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (Evaristo, 2005, p. 205).

As imagens que saltam dos contos “Olhos d’água” e “Maria”, de autoria de Conceição Evaristo, nos permitem colocar em evidências as proposições supramencionadas, pois a narrativa faz parte de uma coletânea de contos que denunciam e anunciam tanto a



resistência quanto a falta de legitimidade das vozes das mulheres negras, mais especificamente, representam os dilemas sociais e existenciais dadas as situações de vulnerabilidade, silenciamento e subalternidade que sempre estiveram expostas, como evidenciado nos encontros com as alunas da EJA.

A leitura dos contos nos inquieta a pensar produção escrita em que a autora reafirma sua condição de mulher, negra, escritora, filha e mãe. A perspectiva materna, portanto, é a premissa de autoria de Conceição Evaristo. Ao abrir a coletânea com *Olhos d'água*, observa-se nessa inferência a percepção crítica da autora ao incitar para que se aprofunde o olhar sobre as nuances que permeiam a vida, pois só assim será possível visualizar outra realidade, talvez justa e igualitária. Com isso, a autora reforça a ideia de que a realidade calma da vida engana apenas aqueles que não ousam compreender as coisas com profundidade, haja vista que esses estudos, muitas vezes, nos rasgam a carne.

As palavras de Evaristo solidificam a ideia da escrita como uma forma de rasgar o silêncio ou de apresentar outra perspectiva de silêncio, centrada na sua multiplicidade de sentidos: o silenciamento e subalternidade capazes de nos sucumbir mediante o seu poder de projeções de imagens e sentidos, interligando-se à ideia da Literatura Engajada, aquela que transpõe a realidade social circundante ou aquela capaz de representar outros personagens que ficaram à margem da sociedade convencional, como as alunas da EJA. Diante dos aspectos apresentados, entende-se a escrita de Conceição Evaristo como um espaço da memória e de configuração da identidade. Como ícone da resistência, seus textos são articuladores de vozes negras que almejam conquistar o seu espaço, por meio da articulação de uma linguagem liberta de preconceitos e estereótipos. Trata-se de uma criação de onde ecoam temáticas tais como gênero, raça, identidade e violência que contribuem na construção cultural de uma escrita que apresenta e representa a mulher negra escrita e inscrita na sua própria história de revoluções e conflitos existenciais.

Finalizo por ora essa reflexão destacando que, ao inserir as vozes do seu povo na arte literária, a autora anuncia as forças e denuncia as injustiças que permeiam a sociedade hegemônica e unilateral a qual pertencemos. A Literatura é, portanto, o espaço de democratização dos sonhos e esperanças, lugar onde se irmanam as vozes silenciadas. O resultado obtido com base em análises dos contos "Olhos d'água" e "Maria", e as histórias de vida das alunas da EJA, através da técnica do Grupo Focal, comprovam o quanto a realidade das envolvidas no processo se assemelha à vida de muitas sujeitas da EJA. Os dados analisados revelam a luta pela superação do silenciamento e da subalternidade que pode ser vista como um resgate de sua imagem, história e valorização da cultura.

Essa pesquisa comprova a relação entre teoria e prática, mostrando que o produto do Mestrado é a própria intervenção através de mudanças que ocorrem com os envolvidos em cada reflexão propiciada no âmbito escolar ou informal. Assim, com a organização e o esquema de sequência didática proposto, o estudante pode modificar, dar sentido e interpretar aquilo que ouve nos contos.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Escrivência, Mulheres Negras na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.



EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, L.; MOREIRA, N.M. DE B. **Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-224.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais**. Belo Horizonte: CLACSO, 2005. p. 117-142.